

FCM com todos: Medicina e Fonoaudiologia encerram 2014 entre os **melhores cursos do país**

Coordenadores falam sobre avanços e desafios nos campos do **ensino, pesquisa e extensão**

Os cursos de graduação em Medicina e Fonoaudiologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp obtiveram nota máxima (5) no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), realizado em 2013, pelo Ministério da Educação (MEC). Os dados foram publicados em dezembro de 2014 e, ambos os cursos, ficaram entre os melhores do país no Conceito Preliminar do Curso (CPC), indicador que agrega o resultado do Enade às qualidades da infraestrutura, do projeto pedagógico e do corpo docente das instituições analisadas. A Medicina obteve nota 4 e a Fonoaudiologia, nota 5. O curso médico da FCM ainda bateu novo recorde de inscritos no vestibular da Unicamp, com um aumento de 40,2% na relação candidato/vaga.

Para o diretor da FCM Ivan Felizardo Contrera Toro, o alto desempenho dos estudantes da FCM nas avaliações do MEC serve para demonstrar que a faculdade está no caminho certo da formação humanística, capacitação do corpo docente e melhora constante do currículo. A formação humanística, por sinal, está no foco da gestão assumida por Ivan Toro, em julho 2014. Em seu discurso de posse, ele manifestou o desejo de poder contar, ao lado do diretor associado Roberto Teixeira Mendes, com profissionais humanizados e conectados com a realidade ao redor. “Estou convencido de que podemos ensinar mais e melhor”, pontuou na ocasião.





Atentos às discussões em andamento e cientes dos desafios constantes do ensino, da pesquisa e da extensão, os coordenadores dos cursos de graduação em Medicina e Fonoaudiologia, da Pós-Graduação, Residências Médica e Multiprofissional, Pesquisa e Extensão Universitária da FCM destacaram pontos prioritários de cada área.

O ensino de graduação

Para o coordenador do curso de graduação em Medicina Emílio Carlos Elias Baracat, a Reforma Curricular da FCM, iniciada em 1998 e implantada em 2001, não acabou. “Naquela ocasião, trabalhamos muito próximos às Unidades Básicas de Saúde para tentar equacionar quais seriam os campos de trabalho e de estágio dos alunos. Na atualidade, a reforma tem outros desafios”, diz, referindo-se aos desafios propostos por diretrizes legais recentes e que impactam diretamente sobre o ensino médico e a Saúde Pública como um todo. Segundo prevê a Lei nº 12.871, de outubro de 2013, até 2018, ao menos 30% da carga horária do internato médico deverá ser realizado nos serviços de Atenção Básica, Urgência e Emergência do Sistema Único de Saúde (SUS); e em 2025, o número de médicos no país deve saltar dos atuais 1.8 para 2.7 médicos/mil habitantes.

“Temos uma área de saúde muito aquém da nossa necessidade. Precisamos, agora, arranjar novos campos de estágio fora do complexo da Universidade, pois são esses campos que irão colocar nossos alunos em contato mais próximo com a realidade da população. Esse é um dos grandes gargalos, porque não temos unidades de ensino-assistência que atendam a demanda prevista pelas novas diretrizes”, completa Emílio.

O Núcleo Acadêmico de Pesquisa em Educação Médica (Napem) e a Comissão de Apoio ao Estudante (CAE) também estão no foco de atuação do ensino de graduação do curso de Medicina.

“Queremos aumentar a participação do Napem nas instâncias internas e externas que realizam avaliações do ensino, tais quais, o *Clinical Science Examination* (IFOM), a prova do Cremesp, o Enade e o Teste de Progresso. Em relação à CAE, temos a participação ativa das professoras Eloisa Helena Rubello Valler Celeri e Maria Ângela Reis G. M. Antonio, no acompanhamento contínuo dos alunos e realização de reuniões periódicas para minimizar conflitos”, destaca.

“Precisamos deixar claro para a comunidade que as mudanças são inevitáveis e que o ensino é um problema de toda a faculdade”, ressalta o coordenador associado da graduação em Medicina, Paulo Eduardo Neves Ferreira Velho. Um dos principais objetivos é aproximar os professores do Instituto de Biologia (IB) da FCM. “Queremos estimular a participação desses docentes dentro da Comissão de Ensino da FCM. A ideia é integrar na prática para que isso resulte, de fato, em uma melhora para os alunos”, diz.

Valorizar o ensino realizado na graduação pelos médicos assistentes e criar um espaço de convivência para os alunos foram outros pontos destacados pelo coordenador associado.

“Temos, em todas as áreas, muitos médicos envolvidos com o ensino e que, não sendo docentes, exercem a função direta com os alunos. Precisamos valorizá-los, buscando formas de reconhecer a importância dessa atuação. A criação de um espaço para os alunos próximo ao complexo de salas de aula é uma iniciativa do Centro Acadêmico Adolfo Lutz, já deflagrado anteriormente, mas que está entre as nossas prioridades”, afirma.

Para o coordenador do Internato Médico Gustavo Pereira Fraga, a participação mais ativa da Medicina da FCM na Associação Brasileira de Ensino Médico (ABEM) é outra meta importante a ser atingida. “Sempre temos um ou outro docente participando dos movimentos nacionais relacionados ao ensino, mas queremos estimular mais professores a participarem das mudanças no ensino médico que estão acontecendo, não somente aqui no Brasil, como também no exterior”, diz.

Segundo explicou Fraga, a área de Saúde no Brasil passa por um período de crise, tanto no que diz respeito à formação de recursos humanos, quanto na inserção de novos médicos dentro do SUS. “Essa é uma demanda muito grande do Governo Federal com os programas mais recentes, como o de Valorização do Profissional da Atenção Básica (*Provab*) e o Mais Médicos. Acho que a Unicamp forma um médico de alta qualidade do ponto de vista ético, humanístico e de conhecimento técnico. A ideia é aprimorar isso um pouco mais”, destaca.

Para a Fonoaudiologia, 2014 foi um ano simbólico, caracterizado pela formatura de sua décima turma e início da reforma curricular. “A maturidade gera reflexão, mas também proporciona desafios. Nosso constante desafio é contemplar questões específicas da Fonoaudiologia sem perder a noção da importância da inserção numa equipe multidisciplinar e, ao mesmo tempo, permitir que o aluno tenha tempo disponível para refletir e absorver o conhecimento, vivenciar a Universidade e ainda ter qualidade de vida”, comenta Christiane Marques do Couto, coordenadora do curso de graduação em Fonoaudiologia.

Desenvolvido pela FCM e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), com a participação do Instituto de Física “Gleb Wataghin” (IFGW) e Instituto de Biologia (IB), a Fonoaudiologia da Unicamp tornou-se referência no País ao formar profissionais de forma multidisciplinar.

“O fonoaudiólogo da Unicamp acaba sendo formado com essa característica, por estar inserido em um curso que é multidisciplinar já na sua origem, ao envolver terapeutas ocupacionais, psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, enfermeiros, linguistas, pedagogos dentre outros profissionais. O curso tem sido elogiado pelos esforços de tentar contemplar as bases teóricas da ciência assim como as premissas do trabalho em equipe dos profissionais de saúde e da comunicação”, diz Christiane.

A pós-graduação

Assim como o ensino de graduação, a pós-graduação da FCM está entre as melhores do País, sendo a grande maioria dos cursos de mestrado e doutorado, muito bem avaliada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão vinculado ao Ministério da Educação (MEC), responsável pela expansão e consolidação da pós-graduação em todo o Brasil. “Dos 11 cursos que oferecemos, dois são nota máxima na Capes (7). Temos como objetivo, manter e dar sustentação e suporte aos programas, para que eles atinjam um padrão de qualidade cada vez melhor”, diz a coordenadora da comissão de pós-graduação da FCM, Rosana Teresa Onocko Campos.

Pensar estratégias para incluir mais professores nos programas de pós-graduação, tendo em vista os índices de produção docente exigidos pela Capes é

um dos desafios atuais da área, de acordo com Rosana. A regra determina que cerca de 80% dos docentes cadastrados como professores plenos do programa atinjam a pontuação exigida pela instituição no critério de publicação. O mestrado profissional seria uma opção nesse sentido. A pontuação em relação à quantidade de publicações indexadas é menor, sendo exigida dos orientadores, maior capacidade técnica.

“A própria Capes tem estimulado a abertura de novos programas de mestrado profissional e este é um programa que compensa muito para a área da Saúde, porque estimula o aprimoramento ao aproximar do estudo e da pesquisa, pessoas que estão no serviço e não, necessariamente, àquelas com vocação para se tornarem professores”, destaca Rosana. Atualmente, a FCM conta com um programa de mestrado profissional e possui três em processo de avaliação na Capes.

Outro ponto destacado por Rosana foi a possibilidade de transformar os cursos de Aprimoramento em Residências Multiprofissionais. “Isso permitiria aos aprimorandos receberem a mesma bolsa que os residentes médicos e contar com um programa com duração de dois anos. Cada vez mais, em todos os setores e especialidade, se discute a questão da multidisciplinaridade. A maioria das técnicas e questionamentos em todas as especialidades médicas exige o tratamento de uma equipe multiprofissional”, afirma.

Embora as novas diretrizes curriculares afetem um pouco menos a área da pós-graduação, Rosana acredita que esse é o momento em que também se discute a produção científica no país. “Na maioria das áreas do conhecimento houve um *upgrade* importantíssimo da pós-graduação brasileira, mas daqui para frente devemos voltar nosso olhar para a qualidade dessa produção. Produzir talvez um pouco menos, mas com maior relevância e impacto. Produzir mais coisas com aplicação e repercussão para o desenvolvimento do próprio país”, diz.

Residências Médica e Multiprofissional

Uma das áreas que mais deverá ser impactada pela legislação vigente é a área da Residência Médica. Atualmente, os residentes ingressam nos programas de residência médica já tendo optado pelas áreas de interesse, tais quais, pediatria, cirurgia ou clínica médica, por exemplo. A partir de 2018, no entanto, senão todos, mas a grande maioria dos residentes, por exigência legal, deverá cursar pelo menos um ano em Medicina da Saúde de Família e Comunidade, para só então optarem pela especialidade desejada.

Para o coordenador da Residência Médica da FCM, Ricardo Mendes Pereira, essa é uma proposta do Governo Federal que visa dar maior atenção à Saúde da Família e da Comunidade, mas que ainda carece de muita discussão. “A Lei existe, mas a gente precisa entender como ela vai ser aplicada. Existem muitas coisas a serem arranjadas. Como isso vai ser feito? Quem vai ser responsável pela supervisão desse residente fora da faculdade de medicina, o Governo ou a faculdade?”, questiona.

Garantir a qualidade dos programas oferecidos, ampliando o número de vagas oferecidas na Comissão Nacional de Residência Médica e financiando bolsas de pesquisa são objetivos constantes da FCM, de acordo com Ricardo. Outro aspecto relevante e de grande interesse é a intenção de firmar parcerias com as prefeituras de Campinas e região, para ampliar a atuação do residente, oferecendo uma formação mais completa. “Esse é um plano da própria gestão da faculdade, e que já propõe uma transição com o programa que deve começar em 2018”, afirma.

De acordo com a coordenadora da Comissão de Residência Multiprofissional em Saúde, Luciana de Lione Melo, os últimos três anos foram de muitos desafios para a Residência Multiprofissional da Unicamp, na implantação e manutenção de seus três programas (Saúde, Saúde Mental e Coletiva e Física Médica). Dentre as conquistas, ela destacou a inserção dos residentes nos serviços de saúde. “Isso possibilitou mais que o atendimento aos usuários e famílias, mas também o vínculo destes com os serviços e profissionais de saúde”, diz.

Em relação às grandes mudanças previstas para a Saúde do país nos últimos anos, Luciana disse que o profissional de saúde com formação multiprofissional estará apto a atender as demandas do SUS. “Nossos residentes ampliam as discussões multiprofissionais, sempre em busca de resoluções mais eficientes e eficazes aos usuários. O cuidado ao ser humano envolve múltiplos saberes, uma vez que se trata de um ser complexo e único. Assim, a atuação multiprofissional busca responder as diversas necessidades do indivíduo, para além do corpo biológico, considerando os aspectos sociais, emocionais, culturais e espirituais”, ressalta.

A pesquisa

Na atualidade, a FCM conta com 164 linhas de pesquisa e 831 projetos com financiamento, distribuídos em 101 laboratórios. Projetos iniciados em 2014 com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) somaram mais de 18 milhões de investimentos. Muitos são os números que comprovam o nível de excelência em pesquisa atingido pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp nos últimos anos. Expandir as diferentes áreas da pesquisa, incluindo o maior número de pesquisadores, é um dos objetivos da atual gestão, de acordo com a coordenadora da Comissão de Pesquisa, Maria Luiza Moretti.

“Queremos estimular que mais professores busquem auxílio na Fapesp, no Conselho Nacional de

Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e nos órgãos internacionais”, afirma Luiza, acrescentando também, a atuação da Comissão de Pesquisa no incentivo de novas iniciativas dos professores que regressam dos cursos de pós-doutoramento. “A FCM sempre apoiou a instalação de laboratórios para esses profissionais que voltam do exterior, desenvolvem ou incorporam uma nova tecnologia”, afirma.

Além de incentivar a participação dos pesquisadores em eventos nacionais e internacionais, Luiza disse também que a Comissão de Pesquisa também promoverá pequenos *workshops* para estimular a multidisciplinaridade entre os pesquisadores dos diferentes laboratórios. “Quando você encontra profissionais de diferentes áreas, o número de ideias que surge é maior. Você amplia seu horizonte. É um projeto mais completo e mais econômico do ponto de vista financeiro”, diz.

A extensão universitária

Para o coordenador da Comissão de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários da FCM, Francisco Hideo Aoki, a FCM já realiza extensão de fato com os serviços assistenciais oferecidos pela área de Saúde da Unicamp e que inclui o Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp, o Hospital da Mulher “Prof. Dr. José Aristodemo Pinotti (Caism), o Hospital Estadual Sumaré (HES), o Gastrocentro, o Hemocentro e os Ambulatórios Médicos de Especialidades (AMEs) . Entretanto, ele considera que a extensão universitária vai além.

“A extensão universitária tem uma potência muito grande de desenvolvimento, mas que muitas vezes está restrita a um entendimento melhor do que pode ser feito. Quando os alunos e residentes trabalham dentro dos centros de saúde, também estão fazendo algum tipo de extensão”, diz, referindo-se também às perspectivas que se abrem ao setor, tendo em vista as propostas de valorização da Atenção Básica, delineadas por programas como o Provac e o Mais Médicos, do Governo Federal.

“É um contingente enorme de indivíduos que precisarão de tutoria e treinamento. Se conseguirmos desenvolver um trabalho colaborativo com o Ministério da Saúde, Secretaria Estadual de Saúde e governos municipais, poderemos fazer um trabalho bastante profícuo e adequado. É fundamental que os alunos recém-formados tenham suporte a uma tutoria de qualidade para atender bem os pacientes das Unidades Básicas de Saúde. Temos um modo de pensar bastante concordante com essa necessidade de valorização do atendimento básico à saúde”, afirma. 



Texto: Camila Delmondes